

## QUARTO CAPÍTULO

*Já que a pragmática não permite a dois noivos o conversar a sós numa sala, deve, por coerência, estender semelhante fiscalização às cartas, pois que são elas palestras escritas.*

(Monteiro Lobato)

### 1. Introdução

O objeto da investigação da abordagem interacionista não são as frases abstratas, mas os enunciados realizados em situações comunicativas particulares concretizadas. Por esta razão, trata-se de uma abordagem que postula a interação verbal como a realidade fundamental da linguagem. Durante qualquer troca comunicativa, os diferentes participantes, “os interactantes” para Kerbrat-Orecchioni, *Les Interactions Verbales*, vol.1 e vol.2 (1998), exercem mutuamente uma rede de influências. Essas influências são de natureza diversa e variam segundo o tipo de interação que se estabelece. Existem vários tipos de validação interlocutória e a que nos interessa é a que se realiza durante a troca de cartas.

*“Os participantes se servem de um conjunto de gestos significativos para marcar o período da comunicação que começa e para se autorizarem mutuamente. Quando as pessoas realizam esta ratificação recíproca, pode-se dizer que estão conversando: dito de outra forma, elas se declaram oficialmente abertas umas às outras, tendo em vista uma comunicação oral e garantindo conjuntamente a manutenção do fluxo de palavras.”* (Goffman, 1974, citado por Kerbrat-Orecchioni)

Passando esta afirmação de Goffman a respeito da interação verbal para nossa situação concreta da troca de correspondência escrita, podemos fixar

o seguinte panorama: os participantes, isto é, o remetente e o destinatário, servem-se de um conjunto de gestos comunicativos discriminados a seguir.

O remetente:

- escreve uma carta, isto é, preenche com sua escritura, uma ou mais folhas de papel especialmente escolhidas;
- dobra as folhas de papel convenientemente, para que caibam num envelope sobrescritado, de acordo com normas preestabelecidas, com o nome e o endereço do destinatário e, no verso, com o nome e o endereço do remetente;
- fecha o envelope que contém a carta; e
- leva-o até uma agência dos Correios onde o objeto-carta, depois de ser selado, ou autenticado por uma máquina, é carimbado e, por caminhos ou canais que não nos compete identificar, é enviado até o endereço do destinatário.

Por sua vez, o destinatário, tendo em mãos o objeto-carta, vai passar por estados diferentes, ao fazer um reconhecimento prévio da pessoa que deseja estabelecer uma interação com ele. Alguns estados do destinatário, dependendo do remetente declarado no envelope ou do tipo do objeto-carta (por exemplo, “mala-direta”), podem ser descritos como:

- indiferença, pois sabe, por exemplo, que o conteúdo da carta é um convite para a inauguração de um supermercado;
- preocupação, pois o remetente é aquela instituição que lhe emprestou uma quantia impossível de ser paga no momento;
- ansiedade, pois parece ter recebido uma confirmação para aquele pedido de emprego;
- sentimentos desencontrados, ao certificar-se que a carta é DELE ou DELA.

Neste último caso, o que fazer? Abrir e ler a carta, autorizando o início da interação e, garantir a manutenção do fluxo de palavras, ao responder o que leu?

As coisas não são tão simples assim. Com a chegada da carta, as reações do destinatário dependem de uma série de fatores que condicionam seus atos:

- com as mãos trêmulas, rasgará o envelope e lerá o conteúdo das folhas de papel, sofregamente, sem entender o que está escrito; ou
- segurará a carta contra o peito, beijará o nome do remetente no verso do envelope, que será aberto cuidadosamente com uma espátula ou uma tesoura, de onde extrairá as folhas dobradas, aspirará o perfume que existe ou acredita existir e lerá, palavra após palavra, como se estivesse rezando, mas, mesmo assim, não entenderá o que está escrito.

Corroborando nossas palavras, Monteiro Lobato demonstra o que sente ao receber uma carta de Purezinha:

*Taubaté, 30.9.1906*

*MEU AMORZINHO*

*[...]*

*“Mudemos, portanto, de assunto. Não calculas a satisfação com que recebi tua primeira carta. Estive com ela na mão longo tempo, antes de abri-la, e sem coragem de o fazer. Uma carta fechada é um mundo: a nossa imaginação tece sobre o seu conteúdo provável uma infinidade de deliciosas suposições; por isso, antes de a ler, beijei-a mil vezes, aspirei-lhe o perfume e fantasiei o que dentro poderia existir. Abri-a, li uma, duas, três, vinte vezes; decorei-a, nos pedaços onde te referias ao teu sentimento por mim, senti-me ganho da mais terna emoção.*

*[...]*

*Adeus, meu anjinho! Abraça-te num abraço bem apertado e beija-te amorosamente o teu de toda a vida*

*JUCA”*

Também o outro missivista amoroso, Ruy Barbosa, em carta à Maria Augusta, diz da emoção de se receber a correspondência:

*Corte, 12 de junho de 1876*

*Maria Augusta, minha muito querida noiva*

*Exprimir-te a alegria íntima e infinita, o alvoroço infantil que se apoderou de mim ao receber e ler, anteontem à*

*noite, a tua preciosíssima carta de 6 do corrente, é impossível. Duas vezes sucessivamente a devorei, e daí em diante não me deitei e levantei ainda sem me embeber delas, como do canto de uma avezinha escondida no seio de minha alma, cheio de gorjeios de esperança para as minhas madrugadas, e, para as minhas noites solitárias e silenciosas, repassado de queixas de saudade suavíssima como o teu amor. Como tu, querida noiva, eu também chorei e ri...[...]*

*teu noivo do coração*

*Ruy*

Cada amante, pois é da carta de amor que estamos falando, reage de um modo, mas as perturbações que acometem a todos eles impedem que o conteúdo da carta seja apreendido numa leitura. Este é um dos motivos pelos quais toda carta de amor é lida, relida, trelida. A compreensão se faz aos poucos, à medida que a leitura se repete e apazigua coração e mente amantes.

Esta é uma das vantagens da interação por escrito das cartas. O fluxo das palavras é mantido em câmara lenta, com direito a cortes, retificações e mudanças, da parte de quem escreve, até o último instante, e esse fluxo é avaliado, reavaliado e interpretado, quando é recebido, antes de ser novamente enviado pelo mesmo canal, depois de todo trabalho de feitura e refazimento do destinatário, transformado, na retomada do turno, em remetente. O tempo que se gasta nesse tipo de interação é enorme para os padrões atuais. Mas existem ainda aqueles que só se satisfazem com este refinado prazer.

Telegramas, telefonemas, faxes e e-mails – sucedâneos na vida moderna da correspondência escrita – são formas eficientes de interação verbal e ninguém imagina o mundo sem elas. Mas é de outra coisa que estamos falando. O nosso tema é a interação-integração de almas e mentes, corações e corpos amantes, por intermédio de mensagens escritas, envelopadas, enviadas, recebidas, abertas e lidas. E, quando lidas e saboreadas, são respondidas, envelopadas, enviadas, *ad infinitum*, mudando-se os correspondentes, por estarem já mortos, ou por terem matado o amor neles, mas continuando

ininterruptamente a corrente de suspiros apaixonados, pois os amantes que se escrevem, inscrevem-se nas cartas.

## 2. Procedimento de análise

Nosso objetivo, neste capítulo, é verificar a força ilocucionária empregada pelos remetentes masculinos para, à distância, modificarem ou, ao menos, manterem, a informação pragmática das destinatárias. Nesse sentido, empregaremos como suporte teórico os estudos das interações verbais, realizados por Catherine Kerbrat-Orecchioni, *Les Interactions Verbales*, vol.1 e vol.2 (1998) e os princípios pragmáticos postulados por Geoffrey Leech, *Principles of Pragmatics*(1997).

O procedimento que empregamos para alcançar o objetivo proposto é o de uma análise exploratória, pelo fato de existirem numerosas estratégias verbais e para-verbais empregadas pelos remetentes para ganharem a adesão das destinatárias, e os limites impostos por este trabalho impedem um estudo aprofundado de todas. Dessa forma, selecionamos as mais recorrentes, por meio de um levantamento realizado durante a leitura crítica das correspondências. Enquanto algumas serão brevemente apreciadas, outras como: os vocativos epistolares; a utilização das máximas de polidez pelos missivistas; e as estratégias empregadas para garantir a troca de turno, serão examinadas mais atentamente.

A existência de uma interação pressupõe, a princípio, que existe a co-presença, isto é, a presença num mesmo lugar de um certo número de pessoas entre as quais se pode estabelecer um contato ao menos visual. Se considerarmos estas condições como necessárias, estaremos excluindo as interações por correspondência escrita que, na quase totalidade dos casos, ocorre na ausência física dos participantes. Além do mais, não temos acesso às respostas dessas cartas, o que poderia também colocar em cheque a escolha de nosso suporte teórico que privilegia a interação verbal, quer dizer, os objetos prioritários da análise são as conversações naturais e outras formas de interações autênticas. No entanto, como se trata de uma “história de conversação escrita”

com a duração de seis meses e sessenta e cinco cartas, no caso de Ruy Barbosa, e de quase dois anos e cento e dezenove cartas, no caso de Monteiro Lobato, é possível verificar que a seqüência das cartas demonstra claramente de que modo elas estavam sendo lidas, compreendidas e respondidas. Nesse sentido, a cada nova carta do nosso corpus, percebemos, ou, ao menos, inferimos as respostas de suas destinatárias.

### **3. Análise a partir da abordagem proposta por Kerbrat-Orecchioni**

É fundamental, em uma concepção interativa, a noção de competência comunicativa que é muito mais ampla que a competência lingüística, postulada por Chomsky, que designa o conjunto de regras que sustenta a produção dos enunciados, concebido em termos de atitudes do falante capaz de produzir e de interpretar estes enunciados. Foi a partir daí que Hymes (1974) elaborou o conceito de competência comunicativa, definindo-a como o conjunto de atitudes que permitem ao falante comunicar-se eficazmente em situações culturais específicas o que implica a proposta de acrescentar-se, ao processo tradicional de descrição gramatical, a descrição das regras para o uso social apropriado da linguagem.

A competência comunicativa pressupõe por parte dos interactantes, além da competência lingüística, o domínio do material para-verbal e não-verbal e o domínio das regras de apropriação contextual dos enunciados produzidos. Ela compreende também o conjunto de regras específicas conversacionais que regem tanto a alternância dos turnos como a gerência dos temas abordados que asseguram a sincronização e a coerência entre as réplicas.

#### **3.1. O mal-entendido na correspondência**

A abordagem interacionista, segundo Kerbrat-Orecchioni, considera que o sentido do enunciado é o produto de um “trabalho cooperativo” e que é construído em comum pelas diferentes partes presentes. A interação é, pois, uma

atividade coletiva de produção de sentidos, que implica na realização de negociações explícitas ou implícitas que podem ser bem sucedidas, ou fracassar, como é o caso do mal-entendido.

Na interação oral, que pressupõe, por parte dos interactantes, uma atitude cooperativa, quando acontece o mal-entendido, muitas vezes, ele pode ser desfeito por L1 (locutor 1), atento às reações de L2 (locutor 2), antes mesmo que L2 sinalize verbalmente que não entendeu, ou que entendeu mal. Já, na interação por carta, um mal-entendido, até que venha a ser desfeito, pode causar sofrimento, desavenças e mesmo rompimentos. Monteiro Lobato, a respeito de um mal-entendido, assim se expressou:

*Doeu-me tanto o pensares erradamente isso de mim que quase te passei um telegrama restabelecendo a verdade. Para não dar na vista dos outros, porém, deixei de o fazer.*

Os nossos dois missivistas, apesar de alguns mal-entendidos, desfeitos na retomada do turno, isto é na resposta à carta indignada ou desorientada da destinatária, não chegaram ao extremo do rompimento, mas sofreram e fizeram suas destinatárias sofrerem até que tudo se esclarecesse.

Monteiro Lobato, na carta de número 20 de nosso corpus, desculpa-se de um mal-entendido, e, apesar de não termos a resposta de Purezinha, a carta de número 21 demonstra que o noivo foi compreendido.

Carta 20:

*.Explico-me: anteontem, tinha-te eu escrito a carta que junto a esta te envio e saía com ela para a deitar no correio...[...]*

*Não sei mais o que te escrevi, pois que o fiz sob uma impressão terrível. Inda hoje não posso te escrever calmamente; vês pela letra, tanto e tanto me dói ainda pensar que mostraste minha correspondência a essa estúpida criatura. [...] responde-me sinceramente e não em termos empolados como fizeste ontem.*

Carta 21:

*A tua carta de 31 só tem uma resposta e essa, infelizmente, não ta posso dar. Seria beijar-te as mãos com lágrimas nos olhos, seria apertar-te ao coração, seria chorar em teu colo.*

Como a interação é uma atividade coletiva de produção de sentidos, ambos os interactantes devem ser cooperativos. Monteiro Lobato não se conforma com a falta de “afinação” de Purezinha, pelo fato de não conseguir “produzir os sentidos” que ele deseja.

Carta 32:

*Como eu previa a tua resposta à minha última em nada a respondeu, e a perplexidade, o desalento, a dúvida, o desespero que me faz sua presa há dias continua senhor de mim. Sempre a mesma impenetrabilidade, a mesma reserva fria e literária.[...] Nunca uma pergunta minha teve uma resposta como as cria a intimidade.*

*O que irás me responder após a leitura desta?... Apegas-te a uma frase, ao sentido literal da frase e encadeias por ela a resposta; deixas de parte o sentido, a alma da frase, justamente o que é meu pensamento, justamente o que requer resposta... Já sei que é assim. Já perdi a esperança de merecer tua franqueza, tua sinceridade... Purezinha, eu te escrevo chorando.*

O que fazer quando o noivo esquece a data do aniversário da noiva?  
O mal-entendido fica por conta da “memória detestável” do remetente.

Carta 54:

*Um pensamento negro, um morcego psíquico, um remorso de todos os instantes torturam-me desde ontem. Pois não é que deixei passar o dia de teus anos sem um cartãozinho? Que memória detestável a minha, para reter datas!*



Além das cartas, Monteiro Lobato e Purezinha tinham o hábito de trocar cartões, parece que ela não gostou muito de um determinado cartão que recebeu do noivo que tenta, na próxima interação, apaziguar seu ciúme.

Carta 55:

*O teu cartão recebido hoje comentando o que eu enviei com um grupo de moças entristeceu-me. Vi nele uma recriminação que não me pareceu feita em tom de caçoada. Será que disseste aquilo, pensando-o seriamente? Será que ainda se aninham em teu coração dúvidas acerca dos meus sentimentos e do meu procedimento?*

Ruy Barbosa, numa forma rebuscada, evidenciando, mesmo em seu estilo epistolar familiar, o orador, reclama, por meio de circunlóquios, para não melindrar sua noiva, da escassez de suas cartas.

Carta 11:

*Agora estava eu quase, quase enfadando-me contigo. Não é, não, porque não tivesses feito em relação a mim, nos primeiros dias posteriores à minha partida, o que eu em relação a ti fiz diariamente de bordo. Compreendo perfeitamente que esse esforço, no estado em que te deixei, podia ser-te impossível; e basta me dizeres que o foi, para que eu sinceramente o creia.*

Ruy Barbosa desculpa-se pelo sofrimento que, involuntariamente, pelo teor de suas cartas, inflige à Maria Augusta:

Carta 21:

*De toda a minha alma te agradeço as palavras de meiga consolação, que me diriges. Corta-me o coração que a tristeza interior do meu espírito, tão desazadamente manifestada nas minhas cartas, fosse-te amargurar assim. Mas, perdoa-me, minha adorada noiva; uma e mil vezes te peço! É que muito ainda me falta corrigir-me, para não te ferir assim involuntariamente.*

O mal-entendido já havia sido desfeito: o remetente estava enviando a

correspondência para endereço errado. Mesmo assim, Ruy Barbosa reitera junto à noiva as medidas que tomara para que o problema não se repita.

Carta 52:

*Felizmente, a falta a que aludes já eu, creio, justifiquei em tempo, e, quanto ao mais, para obviar a inconvenientes semelhantes, escreverei de agora em diante, sempre, salvo motivo extraordinário, lamentando apenas ignorar o número de tua casa, sem o qual sucederá, sempre que as minhas cartas chegarem aí em dia santo, não as receberes senão no imediato.*

A envolvida agora é a futura sogra, de quem Ruy Barbosa reclamara a falta de resposta a uma carta.

Carta 55:

*Mamãe não tem que pedir-me desculpas de não ter respondido à minha carta. Se o não fez, é decerto porque não o pode. Eu era incapaz de ressentir-me com ela por isso.[...]*

*O que eu simplesmente desejava, era saber se a carta lhe fora entregue, ou se extraviara no correio: mais nada.*

A colheita de exemplos de mal-entendidos desfeitos na troca de turnos, isto é, na troca de cartas, poderia ser maior. Contudo já é suficiente para o propósito de demonstração de estratégias empregadas pelos remetentes para reconquistarem a confiança de suas destinatárias. Para finalizar, também a letra ilegível do remetente - que numa interação oral se compara a certas palavras produzidas por L1 e decodificadas erroneamente por L2, mas imediatamente corrigidas por L1 - pode trazer complicações. Monteiro Lobato teve que se explicar com Purezinha a esse respeito.

Carta 9:

*Então já sonhas comigo? Bom sinal. Há em tua carta um pedacinho contra o qual protesto veementemente. “Sonhas sempre que te apareço feia (na realidade o sou) e indiferente?” O que eu disse foi FRIA, concordas, ainda, agora, que na realidade o és? FRIA, F-R-I-A, nunca feia, porque seria absurdo chamar feio ao que é lindo.*

### 3.2. Elementos criadores de presença

O esforço extra exigido na correspondência por escrito, pelo fato de ativar na memória do destinatário a figura fisicamente ausente de seu interactante, e de hipotetizar a respeito da forma como ele estará interpretando suas mensagens e reagindo a elas, apoia-se em alguns elementos. Na realidade, os reguladores verbais e não-verbais presentes numa interação oral deixam de existir na correspondência escrita. No entanto, alguns elementos criadores de presença existem para criar o palco dessas palestras escritas. Nas cartas de nosso corpus, alguns dos objetos mencionados são retratos, partituras musicais, flores secas, anéis de cabelo, marcas de beijos, de lágrimas derramadas ou programadas (não podemos esquecer que os artifícios da conquista amorosa também fazem parte do jogo). O remetente da carta, então, pode fazer de conta que está diante da amada, que ela, por exemplo, acabou de lhe dizer que está sofrendo com sua ausência e ele sente que pode tocá-la e enxugar as lágrimas que provavelmente tenha derramado.

Se a interação fosse realmente verbo-visual (no mesmo espaço e tempo), existiriam os fatores para-verbais amparando, impulsionado, dando vida ao teatro da conversação, como a interação é por carta, são os já-mencionados objetos criadores de presença os fatores que podemos denominar de para-verbais. Seleccionamos trechos dos dois missivistas que tratam justamente da importância desses elementos para amenizar a dor da separação.

Os exemplos de flores enviadas e recebidas por Ruy Barbosa, durante os seis meses em que esteve separado de Maria Augusta, nos encantam pela demonstração da delicadeza e do carinho com que ambos se tratavam e funcionam como elementos criadores da presença, que estabelecem o pano de fundo para as “conversações por escrito”.

Carta 17:

*Essa baunilha que aí vai colhi-a no jardim do Manuelzinho, pensando em ti. Esta flor, sim, que te vai chegar bem murcha, hein, minha Cota? Mas bem viçosa que ainda agora está, e leva-te muitos, muitos beijos, olha, dados neste momento mesmo.*

Carta 27:

*A flor que me enviaste, calcula com que êxtase a recebi, contemplei, e beijei-a mil vezes. Guardei-a, com a madeixinha dos teus cabelos, na medalha, que todos os dias está comigo.*

Carta 37:

*A sempre-viva, expressivo símbolo do nosso amor, de que com ela me fizeste mimo, acolhi-a com os beijos com que recebo, alvoroçado, tudo quanto me traz, como que impresso aos olhos de minha alma, o contato de tuas mãos.*

Carta 59:

*Aí vão essas florinhas, que vieram-me de Friburgo, por encomenda minha, para ti. Se soubesses quantos beijos elas te levam!... querida Cota...*

Monteiro Lobato não costumava enviar flores, no entanto, como ele mesmo afirmava: era “*vítima de uma fotografite intensa e todo absorvido nela*”. Por isso, suas cartas, muitas vezes, seguiam com fotografias que tirava dos amigos e dos lugares por onde passava, e, também levavam os desenhos e as aquarelas que fazia.

Carta 119:

*Para fazeres idéia da minha morada faço no verso desta uma planta. É a maior casa térrea de Areias e nela já se hospedou o Imperador e o Conde d’Eu.*

Também chegou a enviar pêras, sementes de moranguinha, receitas de doces e, certa vez, pêssegos.

Carta 118:

*“Quero ver se vou à Fazenda do Quim e de lá à Bocaina, donde conto vir com um carregamento dos estupendos pêssegos que*

*constituem a especialidade daquelas paragens. Hás de receber aí uma quarta deles.*

Até as penas de um cuiú, lembrança inusitada e inocente, não questionada na época por nenhuma sociedade protetora dos animais, juntam-se aos outros elementos que se prestavam a dar vida às palestras escritas de Monteiro Lobato e Purezinha.

O retrato da mulher amada acompanha os noivos durante a separação a que são submetidos e a ele os dois remetentes se referem. Monteiro Lobato, por exemplo, nas cartas 13 e 21, respectivamente:

*Venho da rua onde fui ver em que paravam os meus negócios, e foi ansioso que matei as saudades dos meus olhos, embebendo-os na contemplação do teu retratinho. Não posso passar sem vê-lo uma hora e não posso vê-lo sem que me não aperte o coração as saudades do original.*

*Purezinha, minha amada Purezinha; tenho em minha frente teu retratinho que beijo comovido e cheio de dolorosas saudades, anseio por fazê-lo ao precioso original.*

Ruy Barbosa tem o cuidado de encomendar a um retratista uma “lindíssima miniatura colorida”, conforme sua declaração na carta 37:

*Tenho junto de mim, e cubro de beijos, neste momento mesmo, o teu retrato em busto; porque o outro acha-se em mãos do retratista, a quem o confiei, para tirar dele, com o mais primoroso aprumo possível, uma lindíssima miniatura colorida de minha formosa noiva com as suas faces coradas como a rosa úmida da manhã, seus cabelos negros como a noite das minhas saudades, seus olhos vivos como o nosso amor.*

Outro elemento marcador de presença aparece nessas correspondências amorosas: são as partituras musicais enviadas para as noivas que estudam canto e tocam piano. Para nós, leitores do final do século XX, trata-se de uma oportunidade de conhecer, ou reconhecer, algumas músicas que eram executadas no final do século XIX – cartas de Ruy Barbosa– e início de nosso século – de Monteiro Lobato. Fizemos um levantamento, não só das partituras enviadas como também das músicas citadas por eles, em suas cartas. Monteiro Lobato, vivendo no interior de São Paulo, não tinha acesso às novidades da música, e pedia para que a noiva providenciasse e ensaiasse músicas que ele gostaria que ela aprendesse; Ruy Barbosa, ao contrário, vivendo na corte, podia enviar à Maria Augusta e à sua irmã Adelaide as partituras mais executadas, oferecendo com insistência seus préstimos.

Carta 37:

*Não calculas que alegrias me têm causado saber que encetaste já tuas lições de piano e canto. Foram, portanto, a propósito as músicas, que tive a lembrança de enviar-te. Se te não for desagradável, ir-te-ei, do mesmo modo, remetendo sempre, a ti e a nossa cara Irmãzinha, cujas melhoras tenho imensamente estimado, o que aqui houver mais em moda e mais bonito. Espero que não me tirarás este prazer; porque, nisto, de mais a mais, sou capaz de desobedecer-te.*

As composições citadas pelo noivo de Maria Augusta, algumas sem indicação de autoria, são: *Io vivo e t'amo* e *Rizzio e Maria*; *Ricórdati* de *Gottschalk*, “harmonia melancólica e gemente”; *Plaisir des Champs*; *Premier Jour de Bonheur*; *Stella Confidente* e a resposta, *Non ti Scordar di me*; *Je t'aime*; *Serenata* de *Gounod* e outra ‘serenata lindíssima’ de *Zanetto*. Também as brasileiras tinham sua preferência: *Dize-me que me amas*; *Deixa-me Adormecer sobre o teu Coração*; *Não Chores mais, meu Bem*; *Flor do Céu*; *Tudo nos diz Esperança* e, a nossa velha conhecida, *Tão Longe de Mim Distante*.

Monteiro Lobato comenta com Purezinha a penúria do único piano de Areias e o realejo da quermesse, que tocava *Norma*.

Carta 79:

*“Quem descobriu isso foi o Julinho que é maestro, pois adivinhar que coisa é aquilo é o mesmo que dum fóssil deficientíssimo adivinhar o animal primitivo”.*

Fala de duas companhias de operetas que passaram por Taubaté; de um concerto onde ouviu a valsa *Quando o Amor Morre*, executada pelo Maestro Leal.

Carta 24:

*“Fechei os olhos e revi-te pela imaginação, sentadinha ao piano – pálida e loura – dedilhando calma e indiferentemente a música deliciosa”.*

Também cita *Désir d’Harmonie*, na Carta 54 e, na Carta 74:

*Uma velha modinha popularizada pelo palhaço da última companhia de escavalinho que ancorou por cá ( Areias):*

*“Como chove, como ronca a trovoada,  
lá no sertão da minha terra abençoada”.*

Finalmente, em uma de suas últimas cartas, pede para que Purezinha providencie e prepare *“...Pipocas – polca-lundu – de Paulo Chambelland; e Quebra-Coco, polca-lundu, de J.A.S. Monteiro”.*

Certamente o principal objeto criador de presença dos interactantes da correspondência escrita é a própria carta. Inúmeras vezes, os dois remetentes vão se referir a ela e aos seus coadjuvantes: o papel, o envelope, o selo, a tinta, a caneta, a letra, o perfume.

O que as cartas de Purezinha, geralmente cartinhas - com *letra grande e comprida* que enchiam rapidamente *laudazinhas microscópicas* - representavam para o noivo, ele próprio demonstra na Carta 106:

*Em recebendo outras cartas além da tua leio-as antes e só abro a tua por fim, depois de espichado na cadeira de balanço ou estirado na cama, de modo que o corpo satisfeito com a comodidade que lhe forneço deixa-me o espírito inteiramente livre e desembaraçado para todo inteiro concentrá-lo na assimilação da tua carta. Propriamente eu não leio: - assimilo, ou o que seja. As tuas frases, as idéias que expandes, os fatos que contas, a tua letra, o cheiro do papel, o papel, tudo, todas as partes por mínimas que sejam que constituem a tua carta eu absorvo intimamente, assimilo! É uma espécie de vítima propiciatória dada para acalmar as terríveis exigências do dragão Saudade. Demora, essa operação, demora o espaço de cinquenta leituras.*

Durante a longa correspondência com a noiva, ele foi denominando as cartas que recebia: esse *bálsamo divino*; esse *maná*; *cartinha* (*infelizmente este diminutivo é verdadeiro*); *microscópica cartinha*; *alimento da minha alma*; *consolo das tuas cartinhas*; *mimosa cartinha*; *cartinha rósea recém-recebida*; *cartinha extra*; *cartinha de praxe*; e *nem a saca-rolhas sai umazinha extra*; *cartinha deliciosa*; e outros atributos mais.

Ruy Barbosa, a seu modo, também se referia ao objeto-carta tão ansiosamente esperado: *tua de 28 do passado*; *tuas letras*; *letras tuas*; *lindas cartinhas*; *suspiradíssima cartinha*; *preciosíssima carta*; *cobiçadíssima carta*; *festejadíssima carta*; *prezadíssima carta*; *encantadora carta*. No início de sua correspondência (Carta 7), advogado que era e que levava tudo muito a sério, impõe à noiva um “contrato epistolar”:

*Depois (e nota bem que é uma das primeiras cláusulas do nosso contrato), muita pontualidade, muita constância, muita abundância nas tuas cartas a mim. Imita o meu exemplo. Vê que esta é a sexta que te escrevo, depois de te haver deixado. Desprende-te de um acanhamento que de ti para mim já não cabe mais. E, além de tudo, sabe de uma coisa? Já a tua letra mesma não me será novidade; porque o Alfredo cometeu a inconfidência de mostrar-me um tópico da tua carta. Reparei bem na extensão dela, e medi-a . Ouve bem: cada*



*uma das tuas cartas a mim há de ser, pelo menos, igual no tamanho àquela.*

A letra de Maria Augusta era motivo de comentários do noivo. Impedido que estava de vê-la e louvar, por exemplo, o apuro de sua toilette, a beleza de seu penteado, enfim, os preparativos que uma mulher apaixonada faz para encontrar seu amado, seu elogio se dirige à sua letra.

Carta 11:

*O caráter de tua letra, que agora em verdade vejo é a primeira ocasião que tive de apreciar, é realmente, como eu sonhava, mimoso como tudo da querida e gentil noivazinha de minha alma. Miúda e delicadamente apertada, como se fosse um só e longo afago do teu amor ao dorido coração do noivo, parece que empregaste nela toda cariciosa brandura do teu sentido e apaixonadíssimo afeto.*

Ficamos sabendo que a escolha do papel importava. As cartas de Purezinha eram em papel diplomata, róseo, azul, esverdeado. Monteiro Lobato ficava desgostoso quando se apresentava diante da noiva na forma de *humílimo papelinho caipira*, quando – consumido o estoque de papéis que trazia de Taubaté ou de São Paulo – era obrigado a usar *sórdidos papéis roceiros*. Ruy Barbosa também execrava o papel que não fosse de boa qualidade.

Carta 42:

*Apenas posso-te dizer uma palavra – e neste trapo de papel – para te dar notícias dos nossos (parentes).*

Se a carta era escrita a lápis, explicavam, se a tinta mudava de cor, também. E o que, com certeza, mais importava para os dois remetentes era o fato de que as cartas que tinham em mãos, passara pelas mãos delas e, metonimicamente, eram elas.

Carta 9:

*P.S. Purezinha. Não tenho coragem de largar esta, que é largar-te...*

### 3.3 As aberturas das cartas

Que importância podemos dar à abertura ou ao fechamento de uma carta, se são, normalmente, enunciados desprovidos de valor informacional?

Parte de grande número de interações orais se constitui de trocas de palavras com a função única e exclusiva de ligar os interactantes pelo elo de algum sentimento, de estabelecer uma atmosfera de sociabilidade, denominada por Malinowski, citado por Kerbrat-Orecchioni, de “comunhão fática” ou “gregarismo convivial”. A respeito do mesmo assunto, Benveniste, citado, também, por Kerbrat-Orecchioni, esclarece que estamos, nesse caso, no limite do “diálogo”, trata-se de uma relação pessoal criada por uma forma convencional de enunciação que retorna a ela própria, satisfazendo-se com sua execução: pura enunciação de palavras convencionais repetidas por cada enunciador. A função dessas fórmulas nas conversações é, portanto, relacional, não informacional.

As saudações, as apresentações e outros rituais confirmativos têm um papel relacional evidente na validação interlocutória. Dessa forma, para constatar como os remetentes iniciavam a sua “conversa”, realizamos o levantamento de todas as aberturas das cartas de nosso corpus, montando um quadro para cada remetente, procurando tipificar, por meio de fórmulas, as diferentes expressões lingüísticas empregadas por cada um.

A abertura da carta, simples fórmula rotineira, é desautomatizada pelo remetente que, reconhecendo a importância da sua função relacional, a emprega como estratégia para ganhar a adesão inicial da destinatária. Normalmente esta fórmula é representada simplesmente por um vocativo – o vocativo epistolar -. É o que acontece em quase todas as cartas de Monteiro Lobato.

*“Vocativo, segundo Bechara (1999), é uma unidade à parte, desligado da estrutura argumental da oração e dela separado por curva de entoação exclamativa que cumpre uma função apelativa de 2.<sup>a</sup> pessoa, pois, por seu intermédio, chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos. E “Aposto é um substantivo ou expressão equivalente que modifica um núcleo nominal (ou pronominal ou palavra de natureza substantiva), também*

conhecido pela denominação “fundamental”, sem precisar de outro instrumento gramatical que marque esta função adnominal’. Apesar de o vocativo ser considerado uma unidade à parte, ele pode ser modificado pelo aposto, como constatamos em nossa análise. Ruy Barbosa prefere; junto ao vocativo, empregar também o aposto que é explicativo ou identificativo do próprio vocativo epistolar.

A fórmula que elaboramos para analisar as aberturas das cartas é a seguinte:

### V+(A)

Onde **V = vocativo** e **A = aposto**.

O núcleo do vocativo é **N = nome**, que pode ser antecedido ou precedido por **a = atributo** e **p = indicador de posse**..

O núcleo do aposto também é **N = nome**, que pode ser antecedido ou precedido por **a = atributo**.; podendo se agregar ao nome, também, **p = indicador de posse** e **i = indicador de intensidade**.

Exemplificando, a fórmula para a saudação: “Maria Augusta, minha muito adorada noiva” é **V+A**, em que **V (N) + A (p i a N)**.

**V = (N = Maria Augusta)**

**A = (p = minha; i = muito; a = adorada; e N = noiva).**

AS SAUDAÇÕES NAS ABERTURAS DAS CARTAS DE RUI BARBOSA			
nº	SAUDAÇÃO	FÓRMULA	OBSERVAÇÃO
15	Maria Augusta, minha muito adorada noiva	V+A V (N) + A (p i a N)	
10	Maria Augusta, minha querida noiva	V+A V (N) + A (p a N)	
08	Minha muito adorada noiva, Maria Augusta	A+V A (p i a N) + V (N)	Inversão do vocativo
05	Maria Augusta, minha muito querida noiva	V+A V (N) + A (p i a N)	
05	Maria Augusta, minha adorada noiva do coração	V+A V (N) + A (p a N a)	

AS SAUDAÇÕES NAS ABERTURAS DAS CARTAS DE RUI BARBOSA			
nº	SAUDAÇÃO	FÓRMULA	OBSERVAÇÃO
04	Maria Augusta, minha adorada noiva	V+A V (N) + A (p a N)	
02	Minha adorada noiva do coração, Maria Augusta	A+V A (p a N a)+V(N)	Inversão do vocativo
02	Minha adorada noiva do coração	V V (p a N a)	ausência de aposto
01	Querida noiva	V V (a N)	ausência de aposto
01	Minha Maria Augusta	V V (p N)	ausência de aposto
01	Maria Augusta, querida noiva do meu coração	V+A V (N) + A (a N a)	
01	Cota, minha querida noiva do coração	V+A V (N) + A (p a N a)	
01	Minha querida noiva do coração	V V (p a N a)	ausência de aposto
01	minha querida noiva	V V ((p a N))	ausência de aposto
01	Maria Augusta, minha querida noiva do coração	V+A V (N) + A (p a N a)	
01	Maria Augusta, querida noiva	V+A V (N) + A (a N)	
01	Maria Augusta, minha sempre adorada noiva	V+A V (N) + A (p i a N)	
01	Minha adorada noiva	V V (p a N)	ausência de aposto
01	Maria Augusta, minha querida e adorada noiva	V+A V (N) + A (p a a N)	
01	Maria Augusta, adorada noiva do meu coração	V+A V (N) + A (a N a)	
01	Cota, minha adorada noiva do coração	V+A V (N) + A (p a N a)	

AS SAUDAÇÕES NAS ABERTURAS DAS CARTAS DE MONTEIRO LOBATO			
n°	SAUDAÇÃO	FÓRMULA	OBSERVAÇÃO
81	Purezinha	V V (N)	emprego do diminutivo
07	Adorada Purezinha	V V (a N)	emprego do diminutivo
05	Pureza	V V (N)	
03	Querida Purezinha	V V (a N)	emprego do diminutivo
03	Minha Adorada Purezinha	V V (p a N)	emprego do diminutivo
01	Minha Pureza	V V (p N)	
01	Minha Branca Purezinha	V V (p a N)	emprego do diminutivo
01	Meu Amorzinho	V V (p N)	emprego do diminutivo
01	Adorada Filhinha	V V (a N)	emprego do diminutivo
01	Meu Lírio	V V (p N)	
01	P.	V V (N)	abreviatura
01	Minha Boa Purezinha	V V (p a N)	emprego do diminutivo
01	Adorada Noivinha	V V (a N)	emprego do diminutivo

AS SAUDAÇÕES NAS ABERTURAS DAS CARTAS DE MONTEIRO LOBATO			
nº	SAUDAÇÃO	FÓRMULA	OBSERVAÇÃO
01	Minha Adorada Noivinha	V V (p a N)	emprego do diminutivo
01	Pureza, Meu Anjinho	V+A V (N)+A(p N)	emprego do aposto emprego do diminutivo
01	Minha Bondosa Reticência	V V (p a N)	abertura original
01	Purezinha Do Meu Coração	V V (N a)	emprego do diminutivo
01	Minha Adorada Purezinha, Meu Amor, Minha Vida, Minha Alegria, Minha Esperança, Meu futuro, Meu Tudo!	V+A V (p a N) + 6xA (p N)	emprego do aposto enumerativo emprego do diminutivo
01	Dona Pureza Lobato Purezinha Lobato - Purezinha Lobato Maria da Pureza Natividade Lobato	V 4xV (N)	abertura original
01	Exma. Sra. D. Maria da Pureza Natividade, minha muito querida adorada noivinha	V+A V (N)+A (p i a a N)	abertura original
	Participação de Casamento		abertura original

Ruy Barbosa emprega a abertura de sua carta como alguém que possui um guarda-roupa básico, nada mais. São as seguintes as peças desse guarda-roupa: **N** = Maria Augusta, Cota, Noiva; **i** = muito, sempre; **p** = meu, minha; e **a** = adorada, querida, do coração.

Com estas poucas peças, ele consegue montar vinte e um trajés diferentes que ele vai empregar nas sessenta e quatro cartas à noiva. Na realidade, ele escreveu sessenta e cinco cartas, contudo, em uma das últimas, já tratando dos preparativos do casamento, ele se dirige a dois destinatários: “Meu caro Pai e minha noiva do coração” – o futuro sogro e a noiva. Pelo quadro apresentado, temos uma idéia do afã incessante do remetente que quer ser original, não pela seleção lexical que é reduzidíssima, mas pela organização sintática das saudações.

E Monteiro Lobato? Este remetente é imprevisível. É verdade que, do total das 119 cartas de noivado publicadas, ele foi fiel à fórmula básica: **V (N)**, **N** = Purezinha, oitenta e uma vezes. Contudo, a originalidade de algumas cartas compensa a simplicidade da maioria delas. Podemos conjeturar que Purezinha, quando iniciava a leitura de uma carta do noivo, já adivinhava seu conteúdo, não só pelo fato de ser uma retomada da “conversa” por parte dele, mas também pelo saudação, às vezes, inesperada: “Minha Bondosa Reticência”, ou, simplesmente “P.”, ou ainda, uma participação do futuro casamento:

<p>J.B.MONTEIRO LOBATO</p> <p>E</p> <p>PUREZINHA NATIVIDADE LOBATO</p> <p>PARTICIPAM O SEU CASAMENTO</p> <p>S. PAULO 1.1.08</p>
---

O emprego do diminutivo, não só em “Purezinha”, mas em outros vocativos, certamente predisponha a noiva favoravelmente em relação ao

conteúdo da carta. Como exemplos de diminutivos, temos: amorzinho, anjinho e filhinha.

Observamos que as estratégias que os remetentes empregavam para conseguir atrair a atenção das destinatárias, logo na abertura das cartas são diferentes. Rui Barbosa prefere empregar sempre o mesmo repertório de saudações, alterando, na maioria das vezes, a organização sintática dos mesmos termos. Por sua constância, ele se norteia por um princípio que poderíamos denominar “de previsibilidade”. O mesmo podemos dizer dos fechamentos de todas as suas cartas, onde ele, invariavelmente, se despede da noiva, depois de ter-se recomendado a toda família dela que ele, a partir da segunda carta, adota *como se sua fosse* (que Ruy nos perdoe pelo emprego do circunlóquio, característica fundamental de seu estilo epistolar que se espelha em sua brilhante oratória).

Por outro lado, Monteiro Lobato, que repetidas vezes afirma à noiva que não gosta de fórmulas gastas e que prefere inovar, saúda a noiva empregando, desde um vocativo curto, como é o caso de “Meu Lírio”, ou, simplesmente “P.”, até chegar, em uma das cartas, a empregar a forma inusitada de encadear após o vocativo “Minha adorada Purezinha”, seis apostos: “meu Amor, minha Vida, minha Alegria, minha Esperança, meu Futuro, meu Tudo”. Postularíamos para ele um princípio oposto ao de Rui Barbosa: o de “imprevisibilidade”.

#### **4. Análise a partir dos princípios pragmáticos de Leech**

##### **4.1. Os Filósofos de Oxford**

Não podemos entender a natureza da linguagem sem levar em consideração como ela é usada na comunicação, isto é, nos atos de fala. A partir da década de sessenta, os chamados Filósofos de Oxford vêm influenciando os estudos pragmáticos da linguagem. São eles Austin (1962), Searle (1969) e Grice (1975).



Em 1955, na Universidade de Harvard, J. L. Austin proferiu uma série de doze conferências, as famosas *The William James Lectures* que foram publicadas em 1962, dois anos após sua morte, com o título *How To Do Things With Words*. O ponto de partida de sua pesquisa é a oposição que ele estabelece entre enunciados performativos e constativos. O enunciado performativo é aquele em que o falante não apenas “diz” como também “faz” alguma coisa. O enunciado constativo, ou a asserção, é descritivo e precisa ser falso ou verdadeiro. Contudo ele observa que a distinção opositiva dos enunciados constativos e performativos não é totalmente verdadeira, recomeça, então, a análise da questão, considerando de forma mais geral o problema, examinando estes enunciados enquanto ato.

O que é dizer alguma coisa, para Austin? Dizer alguma coisa equivale a praticar três atos simultâneos: um ato locucionário, um ato ilocucionário e um ato perlocucionário. O ato locucionário consiste em emitir um enunciado composto por orações aceitáveis do ponto de vista gramatical e que se refere ao universo do discurso. No ato ilocucionário, a linguagem é usada como um instrumento para se conseguir um fim. Trata-se sempre de um ato em que o emissor quer produzir um efeito comunicativo em relação ao seu interlocutor. Em relação ao ato perlocucionário, ele é melhor compreendido quando se fala em efeitos perlocucionários. O efeito perlocucionário é a modificação sofrida pelo interlocutor no momento do ato de fala. Muitas vezes, este ato perlocucionário não se traduz necessariamente pela fala, pode ser um simples gesto ou mesmo ou uma expressão facial do interlocutor. Na análise dos atos de linguagem, Austin faz a distinção entre significado e força ilocucionária. O significado está no âmbito do ato locucionário, logo lingüístico, enquanto a força ilocucionária forma o centro do ato ilocucionário, elemento fundamental, portanto, para a compreensão da linguagem como ação.

Em 1969, John Searle, tomando como ponto de partida a obra de Austin, elabora a versão americana dos atos de fala, publicando *Speech Acts \_ An Essay in the Philosophy of Language*, onde procura estabelecer o ato ilocucionário como a base da comunicação lingüística. Dessa forma ele propõe

uma taxinomia dos atos ilocucionários, dividindo-os nas seguintes categorias: assertivos, diretivos, comissivos, expressivos e declarativos.

A ilocução assertiva compromete o falante em relação à verdade das proposições expressas: *declarando, sugerindo, vangloriando-se, queixando-se, reclamando, informando*. A diretiva é realizada para produzir algum efeito por intermédio de uma ação do ouvinte: *ordenar, comandar, recomendar, avisar, requisitar* são alguns exemplos. A comissiva compromete o falante (num grau maior ou menor) para alguma ação futura, na medida em que ele: *promete, jura, oferece*. A expressiva tem a função de expressar ou fazer saber qual é a atitude psicológica do falante em relação ao estado de coisas que a ilocução pressupõe. *Agradecer, congratular-se, perdoar, xingar, elogiar, expressar condolências* são alguns exemplos de verbos empregados nas ilocuições expressivas. Finalmente, a declarativa é a ilocução cuja realização bem sucedida efetua a correspondência entre o conteúdo proposicional e a realidade. Alguns exemplos ocorrem quando o falante está *resignando, demitindo, nomeando, apontando, sentenciando*.

Para H.P. Grice, a comunicação é um ato de fé na linguagem e no interlocutor. Já em 1957, na sempre citada conferência *Logic and Conversation*, proferida em Harvard, postula para os atos de fala o Princípio de Cooperação, que vai ser revisado em 1975. O processo, como é tratada a conversação, isto é, a interação verbal, pode ser entendido como duas atividades: o intercâmbio de informação e a negociação de significados, de tópicos ou de temas discursivos. Este intercâmbio e esta negociação são eficientes, para Grice, na medida em que seguem o Princípio de Cooperação que postula que os interlocutores são conscientes dos fins e da direção do ato conversacional, pelo fato de seguirem as seguintes máximas: a) *de quantidade* - diga só o necessário; b) *de qualidade* - diga o que é importante e só aquilo que você sabe; c) *de modo* - seja claro) *de relação* - seja pertinente ou relevante. Grice ressalta que as relações conversacionais estão sob o domínio de princípios gerais, que devem ser respeitados por todos, regulando a forma pela qual o ouvinte reconhece a intenção do locutor e consegue entender o significado daquilo que ele diz.

As máximas podem gerar implicaturas conversacionais e convencionais, já que a intenção do falante e a adesão dessa intenção pelo ouvinte é básica na determinação do significado lingüístico. A implicatura conversacional se caracteriza por um falante que dizendo (ou fazendo mostra de dizer) **p** implica **q**. Já, a implicatura convencional subordina-se, por convenção, a determinados elementos léxicos.

#### **4.2. Os Princípios Pragmáticos postulados por Leech**

Leech, retomando as máximas de Grice, observa que as coações representadas por elas são de natureza moral ou ética ou, ainda, cultural. Elas fazem parte da descrição lingüística do significado pelo fato de explicarem como os falantes freqüentemente “significam mais do que dizem” (as implicaturas conversacionais). Para Leech, estas máximas introduzem valores comunicativos, tais como, veracidade e autenticidade, no estudo da linguagem.

Grice já observara a existência de outras máximas (de caráter estético, social ou moral), tais como “seja polido”, que são normalmente observadas pelos interactantes que desejam ser cooperativos.

Leech, no entanto, não vai considerar “seja polido” como uma simples máxima do Princípio de Cooperação e vai postular o Princípio de Polidez que se preocupa com as demonstrações de cortesia entre os dois participantes da interação: “self” e “other”, que passamos a denominar, respectivamente: “si próprio”, identificado com o falante, e “outro”, com o ouvinte. É importante esclarecer que as demonstrações de cortesia não se restringem a fórmulas fixas de validação interlocutória, como “Sinto muito!”, “Muito obrigado!” ou “Bom dia”, de função exclusivamente relacional. Elas existem estreitamente ligadas à força ilocucionária dos enunciados assertivos, comissivos, expressivos e impositivos, conforme a taxinomia estabelecida por Searle e reaproveitada por Leech.

Além do mais, a polidez também pode ser exercida em relação a terceiros que podem ou não estar presentes na situação de fala. O rótulo “outro” é, dessa forma, aplicado, não apenas aos destinatários diretos, mas a terceiros. A

importância para a demonstração de polidez a terceiros varia: o fator chave é se a terceira pessoa está presente como espectadora; outro fator é se a terceira pessoa é percebida como pertencendo à esfera de influência do falante ou do ouvinte.

O princípio de cooperação e o princípio de polidez são fatores que asseguram que, quando se entabula uma conversação, ela não siga por um caminho intransitável. Os dois princípios estabelecem, juntamente com outros princípios como de interesse e de ironia, objetivos sociais que governam a interação, sendo considerados, portanto, pragmáticos.

O quadro A aproxima a classificação inicial dos atos ilocucionários de Austin, com a retomada de Searle, aproveitada, mais tarde, por Leech que vai relacioná-los com as máximas de polidez. A última coluna apresenta exemplos de verbos que fazem parte dessas ilocuições, sempre levando em consideração que se trata de uma lista aberta e que, dependendo do uso, os verbos podem mudar de categoria.

O quadro B foi elaborado para uma melhor visualização das máximas de polidez postuladas por Leech, uma coluna está reservada para as ilocuições, conforme a classificação de Searle. Cada tipo de ilocução, com exceção das declarativas, que são neutras em relação às formas de cortesia, coaduna-se com uma ou mais máximas.

Leech lembra que, por conveniência, é possível simplificar as máximas. Por exemplo, a máxima do tato pode ser lida: “*Minimize a expressão de crenças que representem ou impliquem custo ao outro*”. Ele observa, também, que as quatro primeiras máximas: tato, concordância, generosidade e aprovação, formam pares: as duas primeiras tratam da relação custo/benefício e as duas últimas, da relação censura/elogio.

(Quadro A)

A CLASSIFICAÇÃO DAS ILOCUÇÕES SEGUNDO AUSTIN. (em inglês)	AS CATEGORIAS DOS ATOS ILOCUCIONÁRIOS SEGUNDO SEARLE	AS MÁXIMAS DE POLIDEZ SEGUNDO LEECH.	EXEMPLOS DE VERBOS
VERDICTIVES	DECLARATIVAS		apontar demitir nomear sentenciar resignar
EXERCITIVES	DIRETIVAS/ IMPOSITIVAS (para LEECH)	Tato e Generosidade	ordenar comandar recomendar avisar requisitar
BEHABITIVES	EXPRESSIVAS	Aprovação e Modéstia	agradecer perdoar xingar elogiar parabenizar
COMISSIVES	COMISSIVAS	Tato e Generosidade	prometer jurar oferecer exigir pedir
EXPOSITIVES	ASSERTIVAS	Aprovação, Modéstia, Concordância e Simpatia	informar sugerir queixar-se vangloriar-se declarar

(Quadro B)

<b>PRINCÍPIO DE POLIDEZ</b>				
MÁXIMA	PROCEDIMENTO		ILOCUÇÃO	FUNÇÃO
	MAXIMIZE	MINIMIZE		
DO TATO	benefício para o outro M BO	custo para o outro m CUO	COMISSIVA	compromete o falante para alguma ação futura
DA GENEROSIDADE	custo para si próprio M CUS	benefício para si próprio m BS	IMPOSITIVA	o falante exige ou solicita uma ação do ouvinte
DA APROVAÇÃO	elogio para o outro M EO	censura para o outro m CEO	EXPRESSIVA	o falante demonstra sua atitude psicológica em relação ao estado de coisas
DA MODÉSTIA	censura para si próprio M CES	elogio para si próprio m ES	ASSERTIVA	o falante se compromete em relação à verdade da proposição expressa
DA CONCORDÂNCIA	concordância entre ambos M CA	discordância entre ambos m DA	ASSERTIVA	o falante se compromete em relação à verdade da proposição expressa
DA SIMPATIA	simpatia entre ambos M AS	antipatia entre ambos m AA		

Leech também faz referência a dois princípios pragmáticos que ele considera de “segunda e terceira ordem”, pelo fato de serem dependentes ou explorarem princípios de “primeira ordem” como o princípio de cooperação e o princípio de polidez. São eles: o princípio de ironia e o “banter principle”, que traduzimos por princípio de gracejo.

O princípio de ironia é considerado “parasita”, de “segunda ordem”, porque só pode ser explicado em termos de outros princípios. Leech considera que, se alguém precisa causar ofensa, deve, pelo menos, fazê-lo de modo que não entre em conflito com o princípio de polidez, mas permitindo que o outro chegue à interpretação da ofensa presente em suas palavras, indiretamente, por meio de implicaturas.

Na realidade, Grice trata a ironia como um tipo especial de implicatura ou estratégia implicativa. Quando o locutor emprega a ironia, ele está violando a sub-máxima da máxima de qualidade que diz: *Não diga o que você acredita ser falso*. Foi a partir dessa hipótese que Leech postulou o princípio de ironia preconizando uma escala de força que vai da mais branda até a mais ofensiva e sarcástica.

G. Reyes (1995) faz a seguinte interpelação: “Por que nos arriscamos a empregar a ironia em nossas interações se ela consiste em dizer uma coisa e querer dizer outra?” Quem pode nos dar a resposta é Grice, para quem a comunicação é um ato de fé na linguagem e no interlocutor. É por isso que ironizamos. Acrescentamos que, além da crença na linguagem e no interlocutor, o próprio contexto da interação fornece elementos para que a ironia, ao ser empregada, possa ser entendida. Se não houver por parte do interlocutor possibilidade de decifração do que está implicado na ironia, se o contexto não fornecer as pistas para essa decifração, ou se o uso que o locutor faz da linguagem para construir a ironia não for eficaz, ela é cancelada, pois, como afirma Grice, toda implicatura conversacional é cancelável.

O outro princípio “parasita” é o de gracejo, que Leech denomina “princípio de terceira ordem” pelo fato de fazer uso da ironia – princípio de segunda ordem. Ele é chamado também de “mock-irony”, isto é, ironia zombeteira

ou brincalhona e, como a ironia, ele também tem importância menor que outros princípios pragmáticos. Contudo, é muito empregado nas comunicações em que os interactantes possuem bastante intimidade e, pelo menos, um deles tenha senso de humor, gostando de gracejar.

A implicatura conversacional presente num enunciado que contenha um gracejo pode ser explicada da seguinte forma: Suponhamos que eu seja o parceiro de um amigo muito próximo, estamos jogando cartas e ele deixou passar uma oportunidade que nos levou à derrota. Dirigindo-me a ele, digo "Que grande amigo você é!". Na interpretação desse enunciado, precisamos levar em consideração três pontos:

1. Você é um grande amigo. (enunciado);
2. Com isso, eu quero dizer que você não é um grande amigo.(princípio de ironia); mas
3. Como você sabe que é meu amigo, posso até ser impolido com você. (princípio de gracejo).

O que Leech observa, e este é um dado muito importante para a análise das máximas de polidez presentes nas cartas de amor, é que quanto maior o grau de intimidade em uma relação, menor importância tem a polidez. Isso significa que quanto mais polido for o remetente, mais distante ele está da destinatária e, em contrapartida, quanto menos polido for o remetente, mais próximo ele se encontra dela.

#### **4.3. Aplicação dos Princípios Pragmáticos às Cartas**

Quando fizemos o levantamento das ocorrências do emprego da polidez nas cartas, verificamos, com certa surpresa, que apesar dos arroubos amorosos de Ruy Barbosa, que poderia sugerir intimidade, ao menos, espiritual com a mulher amada, ele era extremamente polido, não só com ela, mas com todos os seus agregados: pai, mãe, irmãos, irmãs, sobrinhos e amigos. É a polidez dirigida a terceiros, a que já nos referimos.



Nas cartas à Maria Augusta, ele se portava como um perfeito “gentleman”, um homem que demonstrava em relação ao “outro” excesso de zelo, de cuidado de benevolência e, em relação a “si próprio”, um menosprezo, uma modéstia que chegam às raias do absurdo, a tal ponto que, se ele agisse dessa forma também nas interações orais, seria um interlocutor tedioso e falso. O próprio Leech confirma que uma pessoa que continuamente procura oportunidades para se autodenegrir, rapidamente se torna tediosa e, além do mais, é considerada falsa. Trata-se de violação da máxima de qualidade, do princípio de cooperação, que nos restringe de sermos demasiadamente modestos ou excessivamente diplomáticos.

Já, quando começamos a levantar as ocorrências de polidez em Monteiro Lobato, verificamos a sua escassez e observamos que ela era só a ritualizada, de etiqueta, dirigida a terceiros, por exemplo, quando se lembrava de perguntar à noiva, e isso raramente, pela saúde de alguém. Em contrapartida, ele era muito mais espontâneo e íntimo com a destinatária, permitindo-se, e certamente, para tanto ele tinha a autorização dela, brincadeiras e ironias em suas cartas.

Pelo fato de os dois remetentes empregarem algumas diferentes estratégias, o que significa aqui, diferentes princípios pragmáticos como polidez, ironia e gracejo, desistimos de montar um quadro semelhante para os dois. Para Ruy Barbosa, o campeão da polidez, foi muito interessante o levantamento das ocasiões em que ele faz uso dela. Nesse quadro, reservamos uma coluna para o trecho que apresenta a ocorrência, a coluna seguinte para a classificação da ilocução, outra para a máxima seguida e a última, para a explicitação do emprego da máxima, pois, para Leech, ela é sempre tratada por pares opostos “MAXIMIZE/MINIMIZE”, ora focalizando “si próprio”, ora focalizando o “outro”. Nesta última coluna, foram empregadas siglas, explicitadas no quadro do Princípio de Polidez de Leech.

LEVANTAMENTO DO EMPREGO DAS MÁXIMAS DE POLIDEZ NAS CARTAS DE RUY BARBOSA				
CARTA		ILOCUÇÃO	MÁXIMA	PROCE- DI- MENTO
nº	Trecho			
01	O meu caro amigo Cons. Souto, a quem tantas ocasiões devia eu já de felicidade...	Assertiva	Aprovação	M EO
01	...proporciona-me agora a de escrever-te pela primeira vez...	Assertiva	Aprovação	M EO
01	O Cons. Souto desculpa-se com D. Adelaide de a não poder visitar hoje	Expressiva	Modéstia	M CES
01	...ficar-lhe-á ele agradecido se receber um recado, que o avise, para prontamente acudir a sua excelente e prezada amiga.	Expressiva	Aprovação	M BO
01	Peço-te agora o favor de me recomendes a tua Mãe, a teu Pai e a teu Irmão.	Impositiva	Tato	M BO
02	<sup>1</sup> Abraça-me com teu Pai...[...]Não esqueças o nosso prezado protetor o Cons. Souto.	Impositiva	Tato	M BO
04	Agora, quero, e devo avivar-te a recordação de uma promessa feita no doloroso momento de nossa despedida: a de me escreveres desde já, e constantemente e muito	Comissiva	Tato	M BO
04	...estas cartas, escritas a cada palavra com as minhas lágrimas merecem o sacrifício desse teu cândido, mas infundado, acanhamento.	Impositiva	Tato	m CUO
07	Depois (e nota bem que é uma das primeiras cláusulas do nosso contrato), muita pontualidade, muita constância, muita abundância nas tuas cartas a mim.	Impositiva	Tato	M BO
07	Imita o meu exemplo. Vê que esta é a sexta que te escrevo, depois de te haver deixado. Desprende-te de um acanhamento que de ti para mim já não cabe mais.	Impositiva	Tato	M BO
09	A minha avidéz de cartas tuas ainda, infelizmente, não foi satisfeita. Não me queixo, por ora. é possível que ainda não te haja sido possível dar-me esse prazer, que eu tão ardentemente suspiro.	Assertiva	Aprovação	m CEO
09	Sei perfeitamente do teu estado moral. Bem pode ser que ele tenha chegado até a tolher-te a ação necessária para concentrares por alguns momentos a atenção num esforço, que te deve avivar idéias tristes, e renovar as tuas lágrimas.	Assertiva	Aprovação	m CEO

<sup>1</sup> O remetente vai empregar em quase todas as cartas um ou dois parágrafos formulares, expressando cortesia

09	[...] sinceramente me resigno às decepções que por cada correio haja de receber, à mágoa de não ver a tua letra, de ignorar as tuas emoções, os teus pensamentos, uma vez que esta privação minha, este meu sacrifício seja útil ao alívio de tua saúde e de teu coração.	Comissiva	Generosidade	M.CUS
09	[...] constituo-te desde já minha correspondente especial, com autorização, que espero não recusarás, de transmitir-lhes as notícias que eu te der de mim.	Impositiva	Tato	M BO
11	Agora estava eu quase, quase enfadando-me contigo.[...] A minha queixazinha era outra. [...] houve por aí um ciumezito.[...] vejo que a tempestadezinha passou.	Assertiva	Aprovação	m CEO
12	Pede-me, na encantadora carta[...] Um desejo teu é para mim mais que uma ordem. [...]	Impositiva	Generosidade	M CUS
12	Como, porém o teu senhorio é brando e cheio de afeto, há de me permitir que eu ponha uma condição à minha docilidade: é que repitas constantemente a tua primeira fineza, é que me escrevas com a mesma frequência com que eu o tenho feito.	Impositiva	Tato	M BO
13	Eu te peço, adorada e cada vez mais adorada noiva, sê-me assídua em escrever-me, tanto quanto eu o sou para contigo.	Impositiva	Tato	M BO
13	Escrevo-te de casa, onde me acho preso, e provavelmente amanhã também, forçado por um incomodozinho, num pé que machuquei. Podes, porém, estar sossegada; porque é coisa insignificante, e demanda apenas uns dois dias de imobilidade, para evitar alguma inflamação.	Impositiva	Generosidade	m BS
14	Erras em cuidar que escreves mal; se assim fosse não me seria tão cara a leitura de tuas letras.	Assertiva	Aprovação	m CEO
14	Fizeste-me saltar de alegria [...] com as notícias que me dás sobre a saúde de nossa cara Irmãzinha Adelaide.	Expressiva	Aprovação	M EO
16	Não cuides, não, ter que invejar a outras a instrução superficial e estéril, que ordinariamente têm. Não é essa instrução que dá o espírito, a candura e a bondade	Impositiva	Tato	m CUO
16	Com isso, que não é de muitas, distinguiu-te Deus.	Assertiva	Aprovação	M EO
19	No mesmo dia em que pela última vez escrevi-te, desteme, com a tua carta de 23 do passado, ocasião de arrepende-me profundamente da que te enderecei no 1.º do corrente.	Expressiva	Modéstia	M CES
19	Desculpa-me a precipitação, se é que parece tê-la havido. Foi filha do meu amor a culpa, não dos meus defeitos, graves defeitos, reconheço eu, que tanto me distanciam do teu raro merecimento.	Expressiva	Modéstia	M CES

21	Mas perdoa-me, minha adorada noiva; uma e mil vezes te peço! É que muito ainda me falta corrigir-me, para não te ferir assim involuntariamente.	Expressiva	Modéstia	M CES
22	Não penses mais no incomodozinho que aqui tive. Foi realmente uma pequena inflamação no pé direito, que machucara. Estou, porém, já de todo curado.	Assertiva	Modéstia	M CES
23	Não admiro no nosso Cons. Couto e em tua família essa “harmonia de admiração” por mim, a que tão entusiasticamente aludes. Entre amigos e parentes estremecidos o coração explica admiravelmente essas benévolas apreciações a que eu decerto não tenho direito.	Assertiva	Modéstia	M CES
23	Ah, minha linda noiva, que estás-me dando para muito lisonjeira demais, feiazinha! Pois asseguro que estes elogios são mentirazitas que o teu coração e o dos nossos amigos te andam pregando, a ti e aos que nos querem bem.	Assertiva	Modéstia	M CES
26	Basta, porém, minha querida noiva; faço continuamente protestos de te não magoar, - e magôo-te sempre. Mas é que eu sei infalível o teu perdão e esta certeza do perdão é um incentivo aos pecados incorrigíveis, como este ruim noivo que escolheste.	Assertiva	Modéstia	M CES
28	Não cuides haver, <sup>2</sup> no que eu te referir, o mínimo vislumbre de vaidade.[...] Foi, decerto, Deus que ouviu tuas preces; porque eu absolutamente não merecia tanto!	Assertiva	Modéstia	M CES
29	Escrevi-te ontem muito circunstanciadamente sobre o efeito produzido na conferência popular. Querem por força converter-me em vaidoso; mas não conseguem.	Assertiva	Simpatia	<sup>3</sup> M SA
30	Enfim, eu não te acuso a ti, minha cândida e inexperiente noiva, que há tão pouco tempo me conheces, e por isso provavelmente não tem aprofundado ainda a minha índole. [...]Nem creias que vai nisto a mínima queixa de ti.	Assertiva	Tato	m CUO
32	Não recebi por ora cartas tuas do pacote brasileiro [...] Creio, entretanto, que será provavelmente demora dos entregadores, e estou ansioso. Mas, se por acaso não me escreves-te desta vez, não te inquietes; porque bem sei que alguma coisa extraordinária terá ocasionado isso.	Assertiva	Aprovação	m CEO
34	Permitir-me-ás que te ofereça estas músicas, que aí vão? Se tas envio, é porque cada uma delas avivou em mim tua lembrança.	Impositiva	Tato	M BO

<sup>2</sup> Praticamente a carta toda expressa máxima da modéstia. O remetente, relatando à destinatária o sucesso estrondoso de sua conferência, procura minimizar seus próprios méritos, atribuindo-o à própria destinatária que intercedera por ele junto a Deus.

<sup>3</sup> A polidez também pode ser exercida em relação a terceiros, neste caso, o destinatário emprega a máxima da simpatia ao referir-se aos elogios de outros em relação à conferência referida na carta anterior.

37	Agradeço-te muito especialmente as notícias, que me dás, sobre os nossos conhecidos e amigos. Não imaginas que interesse indescritível têm para mim essas minudenciazinhas da tua vida	Expressiva	Aprovação	M EO
42	Tua carta comoveu-me, como tudo quanto me escreves. Por força: se tens tanta bondade, tanta pureza e até tanto juízo mais do que eu.	Expressiva	Aprovação	M EO
46	Conheço, infelizmente, a maledicência de minha terra, de que eu com a mais desabrida injustiça tenho já sido vítima por muitas vezes.[...] essas covardiazinhas de inimigos miseráveis	Assertiva	Modéstia	M CES
46	[...] choro ter-me Deus feito tão pouco feliz que nem daqueles a quem mais intimamente estou ligado evite injustiças tão dolorosas.	Expressiva	Modéstia	M CES
48	Será que o teu estado de saúde não te consinta o trabalho assíduo de escrever cartas? [...] Não exijo, portanto, uma carta; peço-te apenas uma palavra[...] Minha angélica e cada vez mais adorada MA, não vislumbres nestas observações o mínimo ressentimento, a mais leve recriminação contra ti. Sei que tu, sem um motivo fortíssimo, invencível, não deixar-me-ias ficar assim	Impositiva	Tato	m CUO
49	Não creias que este fato seja indício de estar eu doente: afirmo-te que não. Estou apenas um pouco debilitado pelo trabalho exagerado que tenho tido	Assertiva	Modéstia	M CES
51	O teu procedimento em relação ao Loureiro, não só merece a minha absoluta aprovação, como me encanta pelo senso e justa altivez que revela. Sob a extrema e finíssima delicadeza, com que buscaste [...] não ferires o coração do teu noivo com a ingratiçãozinha do amigo	Expressiva	Aprovação	M EO
52	Sinto muitíssimo que a falta da que eu te prenunciava para o vapor de 4 e as demais circunstâncias que me referes te entristecessem tanto a ti e aos nossos, sugerindo-te, assim como a eles, tão desagradáveis conjecturas e receios a respeito de Adelaide e de mim.	Expressiva	Modéstia	M CES
52	Bem vêes que Adelaide ficou imensamente prejudicada com a substituição; porque aos cuidados carinhosíssimos do nosso Conselheiro Couto, admirável em dedicação e ternura para com ela, sucede a minha companhia insulsa, triste, pesada e árida.	Assertiva	Aprovação + Modéstia	M EO M CES
53	Bastava este fato, para que eu lhe quisesse já muito bem, ainda quando eu não tivesse simpatizado com ela desde que a vi.	Assertiva	Simpatia	m AA
54	Tudo, minha Cota, quanto a nossa Adelaide te tem escrito de elogios a meu respeito são puras exagerações de seu afeto por mim [...] Ela e tu é que são dois anjos, dignas irmãs, cópias encantadoras uma da outra.	Assertiva	Modéstia	m ES

54	Minha adorada Maria Augusta, minha linda e virtuosa noiva, meu querido anjo do meu coração, fazes-me essa vontade? Fazes-me, sim, minha Cota	Impositiva	Tato	M BO
54	Verdade é que há para, para subir, uma ladeira; mas essa, em vez de a venceres toda de uma vez, fá-lo-ás por partes, descansando a espaços, distraíndo-te com teu companheiro	Impositiva	Tato	m CUO
54	Obedecerei a Mamãe, não te enviando mais flores roxas.	Comissiva	Generosidade	M CUS
55	Mamãe não tem que pedir-me desculpas de não ter respondido à minha carta.	Assertiva	Aprovação	m CEO
57	A Papai peço-te que agradeças, por mim, vivamente a resposta com que hoje me tirou daquela amarga inquietação.	Expressiva	Aprovação	M EO
58	Enfim, minha querida noiva, demos por acabado este incidente, que passou, e já não vale nada. Hás de ter notado pelas minhas cartas que nunca te recriminei.	Expressiva	Aprovação	m CEO
59	Bem deves conhecer quanto sou altivo e escrupuloso. Nisso peço antes por deficiência que por excesso.	Expressiva	Modéstia	M CES
59	Enquanto a me escreveres, agora me arrependo profundamente das últimas cartas que te dirigi.	Expressiva	Modéstia	M CES
60	<sup>4</sup> O nosso Souto pede-te o favor (é linguagem dele) de que escrevas uma carta a D. Maroquinhas, senhora do Cincinato, pedindo-lhe que ela seja nossa madrinha, dizendo-lhe que, sendo tu filha dele, e considerando-a como tua irmã mais velha, esperas dela essa fineza.	Impositiva	Tato	M BO
62	Se até hoje amavas o nosso Souto como filha, deves, de agora em diante, como eu também, ter-lhe verdadeira adoração; porque a ele devo eu os meios dessa inexprimível ventura.	Impositiva	Tato	M BO
62	Aprovo tudo quanto tens feito. Sou-te infinitamente grato pela tua resignação aos medicamentos, que tanto te repugnavam.	Expressiva	Aprovação	M EO
62	Quero, porém, fazer-te, a ti e a Mamãe, não só um pedido, mas – permitam-me a expressão – uma exigência. Não me cosas na máquina por tudo quanto há.	Impositiva	Tato	M BO
64	Vi, nessas poucas palavras, já em ti, por uma encantadora antecipação, a mãe de família virtuosa, a esposa devotada e sem mácula que há de ser.	Assertiva	Aprovação	M EO

<sup>4</sup> O remetente é, apenas, o intermediário, como ele se apressa em declarar, da solicitação de um terceiro: o Cons. Souto.

Para as cartas de Monteiro Lobato, foi montado um quadro para, especificamente, apresentar as ocorrências de ironia e gracejo, muito mais representativas que as ocorrências de polidez. Na primeira coluna, está o trecho que apresenta a ocorrência, na seguinte, a classificação da ocorrência quanto ao tipo de ilocução e ao princípio observado, e, na última, tentamos explicitar o que estava implicado tanto nas ocorrências de ironia quanto nas de gracejo.

LEVANTAMENTO DO EMPREGO DA IRONIA E DO GRACEJO NAS CARTAS DE MONTEIRO LOBATO			
CARTA		ILOCUÇÃO e PRINCÍPIO de Segunda e terceira ordem.	IMPLICATURA
nº	Trecho		
01	Escreve-me logo que receberes esta e tem pena de mim: não sê tão <sup>5</sup> mitra na resposta como prometeste.	Comissiva Gracejo	<i>Eu sei que você sabe que:</i> suas cartas são muito importantes para mim.
01	Para me conformar com teu pedido, serei curto e breve, tomando pouco dos teus preciosos minutos.	Comissiva Ironia	you tem tempo de sobra.
02	Não vás me passar a perna numa moeda tão preciosa como são tuas cartas.	Impositiva Gracejo	suas cartas são muito importantes para mim
04	Inda há muitas outras novidades, mas chamam-me para almoçar. És servida de almoçar ao lado do teu Juca?	Impositiva Gracejo	quando escrevo para você, é como se estivéssemos conversando.
06	Ainda hoje o carteiro não me trouxe coisa nenhuma. É, pois, certo que não queres corresponder comigo. Paciência! Seja feita a tua vontade. Nunca mais , nunca mais incomodar-te-ei com minhas cartas.	Comissiva Gracejo	não cumpro minhas ameaças.
08	A criatura que vai selar comigo o pacto da eterna comunhão de corpo e de alma [...], não sabe, não pode, não tem ânimo de arrojarse a tanto(dizer que o ama). Merece calorosos bravos; é uma criatura que não sabe mentir.	Assertiva Ironia	eu sei que você não é expansiva.
09	Acabo de receber a tua terceira cartinha (infelizmente este diminutivo é verdadeiro)	Assertiva Gracejo	suas cartas são muito importantes para mim.

<sup>5</sup> avarenta

CARTA		ILOCUÇÃO e PRINCÍPIO DE SEGUNDA ORDEM	IMPLICATURA <i>Eu sei que você sabe que:</i>
nº	Trecho		
12	Recebi a tua microscópica cartinha onde me dizes apressadamente umas tantas coisas bonitinhas. Deliciosa!	Assertiva Ironia	não gostei nada de sua carta.
12	Mas, deixa estar, sra professora, que hei de agora pagar-te na mesma moeda.	Comissiva Gracejo	não deixo nada sem resposta.
59	Isso me força a vir conversar contigo, embora conheça que a minha carteação amiudada te traz mais desassossego que prazer, mais magreza que gordura.	Comissiva Ironia	eu sei que você gosta de receber minhas cartas.
75	[...] Mas tu és tão sóbria, tão econômica, tão comedida... Fora da cartinha da praxe não te sai uma linha extra..	Assertiva Gracejo	suas cartas são muito importantes para mim.
75	Mas não lamento esse fato, uma vez que é ele uma medida tomada pró-gordura tua	Assertiva Ironia	eu sei que você não gosta de escrever para mim.
76	E a cartinha extra? Como és agarrada! ... Inutilmente escrevo diariamente pedindo te o consolo, o conforto, o maná duma tua cartinha. Tu, como uma Pitonisa hieraticamente inflexível, não cedés! [...] Ando morto por uma prosa contigo.	Impositiva Gracejo	suas cartas são muito importantes para mim
82	Acabo de ler a tua de ontem e não resisto a respondê-la incontinenti, e minhas primeiras palavras serão de parabéns pela tua maravilhosa felicidade de arranjar as cousas de tal modo a te dares um papel de vítima e a mim um de algoz.	Expressiva Ironia	eu sei que você é muito esperta.
82	A tua de ontem veio provar justamente o contrário, e, mais, veio provar-me ainda que sou um bárbaro, um Pedro, o Cru, ao passo que tu és a mais martirizada das vítimas. Dou-te parabéns pela habilidade demonstrada e peço-te humildemente perdão do meu crime.	Expressiva Ironia	eu sei que você é muito esperta.
82	Purezinha, peço-te um enormíssimo favor: nunca mais tome atitudes de vítima em face do carrasco. Minha ambição é ser tudo para você menos isso.	Impositiva Ironia	eu sei que você é muito esperta.
83	E tu, mazinha, inda...Não! Não! Vai-te, besouro!...Chega de dizer cousas que de leve possam entristecer a minha adorada Purezinha.	Impositiva Gracejo	não quero mais brigar com você.



CARTA		ILOCUÇÃO e PRINCÍPIO DE SEGUNDA ORDEM	IMPLICATURA
nº	Trecho		
			<i>Eu sei que você sabe que:</i>
84	Inda hoje o correio foi parco para comigo sem uma única palavra trazendo de ti. És bem dura de coração.	Assertiva Gracejo	suas cartas são muito importantes para mim
84	Prometeste uma carta por semana e nem a saca-rolhas sai umazinha extra.	Assertiva Gracejo	eu sei que você não gosta de escrever para mim
107	Ora Graças te sejam dadas! Saíste finalmente do hebdomarismo epistolar!	Expressiva Gracejo	estou surpreso com sua carta.
107	Como tens a coragem de dizer que em pensamento se te afigura às vezes que eu não tenho pressa em te ver? Realmente, é de admirar a tua coragem, a tua bravura!	Expressiva Ironia	morro de saudades..
108	Inda hoje o que de ti cá me chegou foi um reles postal! É incrível! Será que absolutamente nada tens a dizer ao teu Juca?	Expressiva Ironia	suas cartas são muito importantes para mim
108	Como não fujo eu de te escrever diariamente, nunca tendo sido solicitado a isso, antes, pelo contrário, tendo levado umas reprimendazinhas muito hábeis e indiretas por amiudar em excesso a minha tagarelice epistolar? Se continuas assim vingar-me-ei escrevendo-te somente...duas cartas por dia! Por isso, vê lá!	Impositiva Gracejo	não adianta reclamar do número excessivo de minhas cartas.
109	Já principiaste a me lograr!... Hoje um cartão postal somente... Mas espero que a tua imensa preguiça acabe-se logo. Já não tens o colégio a alegar, já não tens ,pois, nada que te desculpe.	Expressiva Gracejo	eu sei que você não gosta de escrever para mim
110	Inda hoje me lograste; veio envelope, veio dentro dele uma folha de papel mas poder-se-á considerar carta as suas cinco linhas? Mazinha!	Expressiva Gracejo	eu sei que você não gosta de escrever para mim

Concluindo o levantamento do emprego que nossos dois remetentes fizeram da polidez, da ironia e do gracejo, podemos relacioná-los com o emprego formal e informal das aberturas das cartas que já relacionamos. A formalidade e a previsibilidade de Ruy Barbosa ao dirigir-se à sua destinatária na saudação inicial da carta, mesmo empregando palavras de amor, demonstram o remetente extremamente polido e empertigado que demonstrou ser quando estudamos as

numerosas ocorrências de polidez presentes em todas as suas cartas, principalmente se levarmos em consideração a polidez dirigida a terceiros, os agregados de Maria Augusta. Como exemplo, destacamos a extrema modéstia onde ele maximiza a censura a si próprio no exato momento em que passa a relatar o enorme sucesso de uma conferência que proferira.

Carta 28:

*Não cuides haver, no que eu te referir, o mínimo vislumbre de vaidade. [...] Foi, decerto, Deus que ouviu tuas preces, porque eu absolutamente não merecia tanto!*

Já a espontaneidade de Monteiro Lobato, ao dirigir-se à sua destinatária a partir da abertura de suas cartas, é confirmada pelo desprezo evidente que vota aos princípios de polidez, o que não representa que ele fosse impolido com Purezinha mas que ele era mais desenvolto, mais descontraído e um excelente *causeur*, que sabia criar um ambiente de aconchego, intimidade onde era permitido gracejar e mesmo ironizar com sua noiva.

Ele devia sentir-se muito seguro a respeito dos sentimentos dela e no mundo deles não cabia mais ninguém. Mesmo quando sua ironia era mais forte, chegando quase ao sarcasmo, como quando percebemos que estava implicada em sua fala que ele a considerava muito esperta para, distorcendo os fatos, tornar-se vítima, transformando-o em algoz, mesmo assim ele deixava transparecer a paixão que o movia:

Carta 82:

*Purezinha, peço-te um enormíssimo favor: nunca mais tome atitudes de vítima em face do carrasco. Minha ambição é ser tudo para você, menos isso.*

## 5. A troca de turnos

Numa carta, como em numerosas interações orais, os interactantes realizam atos de saudação, pergunta, asserção, solicitação, convite, ameaça, despedida, entre outros. Aliás, temos cartas, como vimos no capítulo 1, na parte dos manuais, que especificamente formalizam solicitações, convites ou congratulações. As cartas de amor que estamos estudando apresentam todos estes atos e, quando eram respondidas - pois sabemos que os noivos eram muito mais assíduos que as noivas - constituíam, de acordo com Kock (1997), pares adjacentes de dois turnos em que a produção do primeiro membro acarreta a do segundo. Por exemplo: saudação – saudação; pergunta – resposta; convite – aceitação ou recusa; pedido – concordância ou recusa. Nesse sentido, existe na produção do segundo membro do par, uma relevância condicional. Numa interação oral, a não ocorrência dessa relevância condicional, embora possa acontecer, causa, no mínimo, estranheza, ou, até, sanções sociais.

O primeiro par, das saudações já foi analisado. Como exemplo de pergunta e resposta, podemos apresentar a que Monteiro Lobato faz à noiva, a respeito de padrinhos. A resposta dela, não temos. O que temos é uma antecipação da resposta do remetente à possível pergunta que a destinatária lhe faria a respeito dos padrinhos que ele deverá também escolher.

Carta 91:

*Já escolheste os padrinhos? Quem são? Quem tem mais possibilidade de os ser? O meu será o Getúlio e outro talvez o Luiz.*

Ruy Barbosa perguntava insistentemente a respeito da saúde da irmã de Maria Augusta, por exemplo, na carta 12:

*Que informações me darás da nossa amada irmãzinha Adelaide? Abraça-a [...] Acaricia-a [...]*

Na carta 18, Monteiro Lobato faz um convite expresso, nem sempre seguido por Purezinha, conforme inferimos pelas cartas posteriores de Lobato:

*Vamos ver, vamos ver se a Pureza se anima a cantar comigo um duo, o duo epistolar dos amantes separados. Vamos, um bom movimento! Começa lá!*

Ruy Barbosa responde na carta 12 a um pedido de Maria Augusta:

*Pedes-me, na encantadora carta que tantas horas de suave alegria me tem dado, não me entregue eu absolutamente à tristeza e ao desânimo. Um desejo teu é para mim mais que uma ordem; não atua só na minha vontade: subjuga, até, domina, transmuda os meus mais íntimos sentimentos. Podes, portanto, tranqüilizar-te.*

A correspondência escrita dá mais liberdade aos missivistas e lhes permite, inclusive, escolher, na resposta, os tópicos que considerarem mais relevantes, ignorando outros ou protelando a sua retomada para uma carta posterior. Ruy Barbosa, na carta 27, assim se expressa:

*Não sei se omiti algum ponto da tua carta; mas da primeira vez supirei a lacuna que houver.*

Na carta 19, justifica-se:

*Tinha mais que escrever-te sobre a tua carta; mas já não é mais tempo. Temos o vapor no dia 9, e no dia 8 escrever-te-ei de novo.*

Na carta 27, metuculoso que era, não queria deixar nada sem resposta:

*Recebi com alvoroço inexprimível de sempre a tua prezadíssima e dupla carta de 9 do corrente. Tendo-a, porém, esquecido hoje em casa, com a pressa com que tive de sair, responder-te-ei unicamente aos tópicos mais presentes à minha memória, ficando algum, que me escape, para a mais próxima ocasião.*

### 5.1. Os marcadores conversacionais

Sabemos que, na interação oral, segundo *Kerbrat-Orecchioni* (1998), existem as reformulações fáticas, isto é, um conjunto de procedimentos utilizados pelo falante para se assegurar da escuta de seu destinatário. L1 (emissor) não apenas fala, mas fala a alguém e está sempre sinalizando pela orientação de seu corpo, pela direção do seu olhar pela produção de marcadores verbais de alocação, assegurando-se de que L2 (receptor) o escuta e está interessado na interação, isto é, está conectado no circuito comunicativo; ele, enfim, mantém sua atenção por intermédio de marcadores como “hein”, “né”. “você viu”, “você sabe”, “eu quis dizer”, e, sempre que necessário, conserta as falhas de escuta ou problemas de compreensão. Enquanto L2 produz, também, sinais reguladores que servem para L1 continuar, reformular ou mudar o que está dizendo. Este constante replanejamento do turno é certamente uma vantagem da interação oral, às vezes, também, empregadas pelo missivista que finge estar na presença da destinatária.

O que podemos considerar como marcadores em nossas cartas são expressões curtas que entremeiam os enunciados, muitos deles semelhantes aos empregados nas interações orais como “então”, “não é”, “viu”, “hein”; outras, mais longas, interpelando diretamente a destinatária, como se ela estivesse presente fisicamente na interação. Todos esses marcadores são caracterizados sempre por uma pontuação expressiva: ponto de exclamação ou ponto de interrogação. Para termos uma idéia desses marcadores, passamos a enumerá-los:

RUY BARBOSA

*... há de vir a felicidade, não, minha noiva?*

*Esta flor, sim, que te vai chegar bem murcha, hein, minha Cota?*

*Lembras-te, minha Cota?*

*Que extravagância hein, minha Maria Augusta?*

*Basta, minha Cota?*

*Prometes-me, minha Cota? Sim?*

*Tu me perdoas essa falta involuntária, não, minha Cota?*

*Ouvir-me-ás, não, minha Cota?*

*Fazes-me, sim, minha Cota?  
Vão te pegando já os defeitos do noivo, hein, minha querida Cotinha?  
Então, concordas[...], hein, minha Maria Augusta?*

#### MONTEIRO LOBATO

*És servida de almoçar conosco?  
Mas não é isso, hein, meu benzinho?  
Havemos de sair os dois, todas as manhãs? sim?  
É vero? Que bom!  
Manda-me as notas, sim?  
Leão Godoy é o Rangel; muito parecido comigo, não?  
E a tua cabecinha? Passou a dor?  
Que tristeza, hein, Pureza?  
Prometes fazê-lo? Olha lá!  
Miopia amorosa, não é?  
Estamos certos, então?  
Faço questão fechada de uma carta por dia, ouviste?  
Sabes que horas são?  
Sessenta dias! É o record, não é?  
...como o ladrão corre ligeiro, hein?  
...ao passo que no teu inda cresce, não?  
...não achas? Fala! Anda! Responde!  
Por isso, vê lá!*

### **5.2. Estratégias específicas da correspondência escrita**

Existem, também, estratégias freqüentemente empregadas na correspondência escrita, que dificilmente participam da interação oral. A primeira delas é o pedido explícito para que o outro interactante não abandone a interação, quer dizer, solicitação expressa para que a carta seja respondida. Monteiro Lobato assim se dirigia à Purezinha:

Carta 14:

*Não posso passar sem as tuas cartas. São como o alimento da minha alma. Emagreço quando não as recebo. Morro se as espças tanto, como desta vez.*

Carta 107:

*Hoje te envio uns tantos envelopes já sobrescritados para te facilitar ainda mais o amudamento da correspondência.*

Ruy Barbosa também implorava por uma resposta de Maria Augusta.

Carta 04:

*Agora quero, e devo avivar-te a recordação de uma promessa feita no doloroso momento da nossa despedida; a de me escreveres desde já, e constantemente, e muito.*

A segunda é a preocupação com o canal pelo qual circulam as mensagens trocadas, quer dizer, preocupação com o extravio ou violação da carta. Ruy Barbosa conhecia de perto todos os navios que transportavam correspondência para o norte e o nordeste do país, na carta 35, ele diz que era motivo de brincadeiras por parte de seus amigos que conheciam esta sua mania:

*Admiro já a todos os que de perto me conhecem, e faço rir muitas vezes pela minúcia com que ando sempre a par, e com larga antecedência, do movimento de entradas e partidas de paquetes.*

Ruy Barbosa também temia pela violação ou pelo extravio de sua correspondência, por exemplo, na carta 06:

*Pegando, porém, por casualidade, agora do Jornal do Comércio, vejo que o Britânia parte hoje ao meio-dia para o norte, e que a mala das cartas registradas fecha-se daqui a um quarto de hora. Faço, pois, seguir a toda pressa uma pessoa, que duvido a encontre ainda aberta. No caso contrário a minha missiva seguirá sempre pela*

*mala de cartas simples, porque não quero que fiques sem letras minhas por este primeiro vapor, mas estarei profundamente sobressaltado com receio de algum extravio, que vá patentear a estranhos as confidências e expansões íntimas de minha alma à minha querida noiva, escritas exclusivamente para ti, em horas de amargo sofrimento.*

A preocupação com o extravio das cartas também atormentava Monteiro Lobato, na carta 14, ele esbravejava:

*Bem se realizou o que eu supunha: a minha carta com os extratos do diário, pu-la no correio, mas fora da mala, no dia 4 ou 5, e os infames levaram-na para o Rio, voltando de lá só segunda-feira, que foi quando a recebeste. Correio miserável! Enfim respondeste-ma. Já andava desesperado de esperar.*

Finalmente, as observações metalingüísticas, isto é, reflexões a respeito do próprio ato de escrever a carta que se constituem num traço muito mais característico da interação por escrito, já que dificilmente encontramos interações orais em que os interactantes, ao invés de conversarem, fiquem fazendo observações sobre o próprio ato de conversar. Nesse sentido, levantamos do nosso corpus, dois significativos trechos em que os dois remetentes debruçam-se sobre o próprio ato de escrever cartas, respectivamente, da carta 9, de Ruy Barbosa, e da carta 14, de Lobato:

*Entretanto, às vezes cuido crer que talvez, no meio das saudades que te agravasse o pegar da pena para conversar daí comigo, alguma impressão consoladora te pudesse resultar do sentimento de que cada palavra tua lançada no papel para mim é uma carícia abençoada para uma alma ferida, que a tua ausência amargamente agonia. [...]*

Ruy



*Que carro de boi é a palavra escrita! as idéias afluem aos borbotões, aos montes, aos milhares, e o maldito carro só leva para o papel uma pequenina quantidade! Mas creia que nem a palavra falada dava vazão ao que sinto; só chorando, só gritando, só apertando-te nervosamente contra o peito, só devorando-te de beijos, poderia eu exprimir palidamente o que me vai cá dentro. [...]*

*Juca*

## **6. Conclusão**

O que podemos concluir, levando em consideração o levantamento realizado e as observações feitas? As cartas são palestras escritas, como afirma Monteiro Lobato. E, como cartas de amor, são eloqüentes provas de amor, para os correspondentes que tinham nessa forma de interação a única maneira de se comunicarem à distância. Não podemos esquecer que na época das cartas de Ruy Barbosa à Maria Augusta o telefone ainda não havia sido inventado e o telégrafo, precário, era utilizado apenas em ocasiões de emergência. Para sermos mais precisos, o telefone foi inventado por Graham Bell, justamente no ano do casamento de Ruy, 1876. Trinta anos mais tarde, o telefone, apesar de já existir em cidades maiores como São Paulo, não havia chegado a cidades como Areias, no interior de São Paulo, de onde Monteiro Lobato enviava a maior parte de suas cartas à Purezinha, pelo fato de ter sido designado promotor daquela comarca.

Observamos, que existem estratégias comuns entre a interação oral e a escrita. É evidente que, se mudássemos nosso ponto de vista, poderíamos estar vendo muito mais as diferenças existentes que as semelhanças. O importante, no caso específico do noivado de nossos dois remetentes, é que o encontro romântico por escrito devia ser muito mais apaixonado que seus encontros em carne e osso, numa conversadeira da sala de visitas, geralmente vigiado por alguém da família. Com as cartas nas mãos, podiam reencontrar-se quantas vezes desejassem e, conjeturamos se a emoção do encontro à distância, intermediado pelo objeto-carta, não seria maior que a da proximidade física do encontro real, já que Cyrano de Bergerac parece instalar-se em cada remetente apaixonado.